

 VOZES

O ENIGMA DA RELIGIÃO

Rubem Alves

À Edusno,

do

Rubem

1976

PETRÓPOLIS
1975

© 1975
Editora VOZES Ltda.
Rua Frei Luis, 100
22.000 Petrópolis, RJ
Brasil

VOZES

© 1975
Editora **VOZES** Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25.600 Petrópolis, RJ
Brasil

O ENIGMA
DA RELIGIÃO

Rubem Alves

PETROPOLIS
1975

Do Paraíso ao Deserto

REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS

TANTO NO Paraíso quanto na Cidade Santa não há templos. No Paraíso a religião ainda não é necessária, e na Cidade Santa ela deixou de ser necessária. A religião é a memória de uma unidade perdida e a nostalgia por um futuro de reconciliação. Por isto a religião pressupõe sempre, sob as camadas superficiais de felicidade e paz que ela proclama, um eu irreconciliado com o seu destino.

As mais antigas memórias de minha nostalgia religiosa me conduzem aos dias de minha infância. Eu tinha onze anos. Não se tratava de um caso de vocação teológica precoce. Era antes caso de uma experiência precoce de medo. Aconteceu quando, pela primeira vez, eu conheci o que significa ansiedade.

Até então eu vivera numa pequena cidade. Tudo era familiar e amigo: ruas, árvores, riachos e pessoas. Tudo estava no seu próprio lugar. Olhava para os meus «outros relevantes» — pai, mãe, irmãos e amigos — com calma e respeito. Eles eram partes do meu cosmo. Eu não tinha nem mesmo consciência de mim mesmo, porque eu e o meu mundo nos fundíamos num todo. Acordar pela manhã, brincar, ir à escola, ir para a cama à noite — estas eram partes de uma liturgia que se renovava a cada dia e que celebrava um mundo que fazia sentido.

Mas, sem o saber — e repentinamente —, fui expulso do paraíso. Mudaram-me para uma grande cidade. Meus «outros relevantes» se dissolveram em meio à complexidade incompreensível da vida urbana. Permaneceram como «outros», mas não mais «relevantes». Deixaram de ser o centro emocional do meu mundo, de onde eu retirava meu sentido de identidade e o meu senso de direção. Eles não

